

28 MAI 1981

A bomba de efeito imoral

A "bomba" deixada anteontem na tribuna de honra do Senado é, antes de tudo, um símbolo. Tratava-se de um artefato de lazer, para não dizer simplesmente um brinquedo: um desses artefatos com que se domestica a agressividade, uma imitação da violência que, por se ter tornado cotidiana e banal, pode também ser encenada e imitada, até com bastante sofisticação, por crianças. Afinal, num país em que a violência escapa totalmente ao controle do Estado e em que chega a organizar-se, dentro do próprio aparelho deste, na mais sarcástica e desafiadora contrafação de um poder legítimo de coerção, como poderão os pais e educadores afastar das crianças brinquedos tais como o que foi deixado no Senado? Talvez seja até melhor prepará-las, dessa forma, para a realidade traumatizante que lhes parece estar vindo ao encontro, num futuro bem próximo: familiarizadas com bombas de brinquedo, réplica quase perfeita das ou-

tras, as crianças de hoje aprenderão as cautelas que não foram tomadas com as bombas de verdade dentro do Puma no Rio-centro.

Símbolo, em geral, de uma violência que chegou a toda parte, a bomba deixada no Senado não se esgota contudo aí. Tem um simbolismo específico que ficou bem marcado nos telefonemas do "Comando Delta", feitos para o gabinete da presidência da Casa, para o senador Dirceu Cardoso e para o comitê de imprensa. Colocar uma bomba de brinquedo numa sede de um dos Poderes do Estado, conseguindo paralisar-lhe os trabalhos, ainda que por apenas cerca de uma hora, e ocupar com o assunto, além do Senado, o Gabinete Civil da Presidência da República e o próprio presidente ausente, mostra que tudo, praticamente tudo, é virtualmente danoso a instituições que se deixaram debilitar: sobre instituições frágeis, até uma bomba de brinquedo surte efeito.

Sob esse aspecto, discordamos da nota emitida pela presidência do Senado, ao se apoiar sobre as declarações dos três líderes partidários, reaberta a sessão interrompida pelo pânico, para dizer que "a instituição não fora atingida". Se não foi atingida, por que é que foi suspensa a sessão, por que é que foi evacuado o recinto e por que é que se providenciou a comunicação, quase imediata, à Presidência da República?

A recomposição dos espíritos, depois de um período de perplexidade certamente desatinada, não tem o condão de isolar o episódio e diluí-lo no rol dos mal-entendidos. Queira ou não a presidência do Senado, a intenção foi a de atingir a Casa. Porque é evidente que houve uma intenção, articulando-se a colocação da "bomba" com os telefonemas: a intenção de provocar, com um simples brinquedo, as reações a um engenho mortífero real. Brincadeira de mau gosto, talvez, mas para tanto maior ridículo e

chacota do Senado sobre que foi utilizada.

Há certamente gente a "pôr na roda" as instituições do País, a desgastar-lhes o acatamento, conquanto não se logre atingi-las na dignidade do autoconceito. Eis por que não basta que os senadores reajam afirmando que atos de tal "natureza (...) não farão calar a voz dos representantes do povo brasileiro na mais alta tribuna de nossa Pátria". Não basta que, recompostos, os senadores ajeitem o fraque do decoro da instituição, se se permite que algum moleque venha a pregar neste um rabo de papel, para escarmento ou dó dos circunstantes. Há um terrorismo difuso, que faculta desencadear o tumulto e o pânico a quem quer que se tenha desabituaado, por força da desordem institucional dos últimos anos, do prestígio que merecem as instituições de representação política. Para estas, a bomba de brinquedo terá sempre sido uma bomba de "efeito imoral"; e que não foi armada por um indivíduo apenas.